

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Aline Mendonça Fraga

**CARREIRA DE COMISSÁRIAS E COMISSÁRIOS DE VOO:
gênero, masculinidades e feminilidades a bordo**

Porto Alegre

2019

Aline Mendonça Fraga

**CARREIRA DE COMISSÁRIAS E COMISSÁRIOS DE VOO:
gênero, masculinidades e feminilidades a bordo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Fraga, Aline Mendonça
CARREIRA DE COMISSÁRIAS E COMISSÁRIOS DE VOO:
gênero, masculinidades e feminilidades a bordo / Aline
Mendonça Fraga. -- 2019.
149 f.
Orientador: Sidinei Rocha-de-Oliveira.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de
Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS,
2019.

1. Carreira. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4.
Interseccionalidade. 5. Interacionalismo Simbólico. I.
Rocha-de-Oliveira, Sidinei, orient. II. Título.

Aline Mendonça Fraga

**CARREIRA DE COMISSÁRIAS E COMISSÁRIOS DE VOO:
gênero, masculinidades e feminilidades a bordo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

Conceito Final:

Aprovada em: de de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Diogo Henrique Helal – PPGA/UFPB

Prof. Dr. Fernando Seffner – PPGEduc/UFRGS

Profa. Dra. Carmem Ligia Iochins Grisci – PPGA/EA/UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira – PPGA/EA/UFRGS

Dedico esta tese às ancestrais cujas trajetórias
de luta me permitiram chegar até aqui.

Em especial, minhas amadas,

Janete Mendonça Fraga,

Nilsa da Silva Mendonça,

Hilma Berggwist Coutinho e

Leda da Rocha Fraga (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição pública, gratuita e de reconhecida excelência, que proporcionou toda a minha formação, da graduação ao doutorado. À CAPES, pela bolsa que forneceu amparo financeiro basilar ao curso do meu doutoramento.

À Escola de Administração e ao Programa de Pós-Graduação, pelo apoio institucional. Agradeço às/aos colegas e às professoras da área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, exemplares em tudo que fazem e inspiradoras para uma trajetória ética de ensino e pesquisa. Agradecimento, em especial, à Professora Andrea Oltramari, pelo incentivo afetuoso e constante desde que chegou no PPGA.

Aos grupos de pesquisa e extensão que participo, GINEIT e OIC, da UFRGS, e NEPGS, do IFRS Campus Osório, agradeço a todas/os colegas pelas trocas e aprendizados coletivos.

Às comissárias e aos comissários participantes da pesquisa, sobretudo à amiga Ludi, sempre atenciosa e solícita. Obrigada por salvar o meu *notebook* perdido em voo!

Ao meu generoso e dedicado orientador, Professor Sidinei. Obrigada pela amizade, pelo apoio, por construir junto comigo cada ciclo e por ser uma referência de comprometimento, segurança e paciência.

À Professora Carmem Grisci, agradeço por me acolher tal qual uma orientanda e contribuir com sua sabedoria ímpar para a minha formação como pesquisadora. Ao Professor Fernando Seffner, que inspira a ensinar com entusiasmo e a aprender com humildade. Ao Professor Diogo Helal, que partilha do olhar sociológico singular para a pesquisa.

À minha dupla dinâmica, Vanessa, amiga-irmã e parceira para todas as empreitadas, desde o início do mestrado.

Ao Igor, amigo amoroso e coleguíssimo genial.

À Catia, companheira de profissão e de vida, obrigada pelos conselhos, pela calma, pela alegria contagiante e por ser escuta e silêncio sempre que preciso.

Ao Fipo, melhor amigo que alguém poderia contar, para todo momento, para toda a vida.

Às amigas e aos amigos que fazem do meu mundo um lugar mais leve e divertido, Dani, Gracy, Débora, Cami, Déia, Vini e Thi.

Ao meu querido pai, que me ensinou tão bem a zelar pela UFRGS que talvez hoje eu o faça até mais do que ele. E à minha incrível mãe, que acompanha cada um dos meus passos de perto, com carinho, colo e abraço, que acalmam e dão força para continuar. Às minhas avós, irmão, cunhada, tias, tios, primas e primos que vibram a cada conquista minha.

Por fim, à Nyx e ao Gilles, pelo amor e fiscalização de tese incondicionais, à minha primeira amora felina, Athena, que acompanhou boa parte desse caminho, e à Amy, fiel escudeira de estudos por 14 anos.

MUITO OBRIGADA!

Resumo

Carreiras compõem espaços históricos, dinâmicos e em processo de mudanças, assim como gênero. Dessa forma, a aproximação de ambos os campos permite múltiplas discussões. Com esse propósito, alia-se a abordagem teórico-empírica do interacionismo simbólico, a partir de Everett Hughes, com a teoria de gênero desenvolvida por Raewyn Connel. Considera-se a pluralidade de vivências de carreiras em interlocução com estudos de gênero, masculinidades e feminilidades, estabelecendo-se como objetivo geral desta tese compreender a construção de carreira na perspectiva de gênero e suas intersecções com outros marcadores sociais de diferença. Utiliza-se como campo de análise a carreira de comissárias e comissários de voo vivenciadas pela produção de gênero, masculinidades e feminilidades. A tese defendida é de que as carreiras, que fazem referência à dimensão passada, presente e futura de contextos individuais e coletivos, são inevitavelmente marcadas por gênero e se entrelaçam com outros marcadores sociais de diferença. Os movimentos articulados em contextos e espaços generificados expandem e limitam mobilidades profissionais, ao mesmo tempo em que produzem projetos de gênero emoldurados por masculinidades e feminilidades, negociadas e vivenciadas em metamorfoses. Considera-se que o estudo da carreira de comissárias e comissários oportuniza avanço teórico e alinha-se com gênero em perspectiva interseccional, tendo em vista o histórico da aviação e o estereótipo produzido e reproduzido de forma binária e heteronormativa. Para ancorar essa construção, a tese está dividida em quatro capítulos, em formato de artigos, além da trajetória epistemológica e metodológica da pesquisa(dora), introdu(imagina)ção, introdução e considerações finais. O primeiro capítulo objetiva mapear a produção científica em carreira e gênero, de 1945 a 2017, indexada na base de dados *Web of Science (WoS)*. Apresenta o cenário da produção (estado da arte), aponta para as discussões que ampliam o entendimento de gênero, revelada pelas mudanças, a incipiência dos estudos brasileiros e da área de Administração e a hierarquia do Norte global na produção de conhecimento, denunciando a colonialidade das pesquisas de gênero. O segundo artigo argumenta teoricamente sobre os limites da mobilidade para mulheres em razão de fronteiras que engendram pontos de imobilidade, ancorados por relações socioculturais, políticas, organizacionais e biológicas. As dinâmicas de mobilidade direcionam as mulheres para labirintos que tensionam os limites das fronteiras móveis. O terceiro artigo discute a carreira genuinamente móvel e tradicionalmente feminina de comissárias e comissários de voo, ao analisar o(s) projeto(s) de gênero que emoldura(m) a profissão. A construção profissional em projeto(s) de gênero se dá em processo(s) de padronização generificada ou generificação padronizada que se inicia nos cursos de formação de comissárias e comissários e passa por negociações e metamorfoses. Por fim, o quarto artigo analisa as intersecções das (i) mobilidades de classe social, gênero e sexualidade na carreira de homens comissários de voo. A construção de diferentes formas de mobilidade dentro da aviação, ligadas a marcadores sociais de diferença e as relações entre as intersecções da mobilidade social, geográfica, de gênero e de sexualidade são destacadas. As interrelações entre essas mobilidades evidenciam a relevância da interseccionalidade na pesquisa em relações de trabalho e gestão de pessoas para vislumbrar a produção de diferença em grupos sociais que atuam em um mesmo campo profissional. As contribuições do conjunto de artigos, respondem ao objetivo geral e aos específicos, trazendo aportes à teoria que se inter cruzam. De tal modo, a interdisciplinaridade proposta, por meio da aliança dos estudos de gênero com o olhar sociológico de interacionistas e demais autoras/es inspiradas/os por essa corrente, mostra-se potencial e corrobora avanços para o campo teórico. A multiplicidade de questões, conceitos e contradições que emergem na pesquisa com gênero é um dos principais limitadores e concomitantemente é uma fronteira aberta para a pluralidade de discussões.

Palavras-chave: carreira, gênero, masculinidades, feminilidades, interacionismo simbólico

Abstract

Careers are constructed in historical, dynamic and changing spaces, as well as gender. Thus, the approximation of both fields allows multiple discussions. For this purpose, the theoretical-empirical approach of symbolic interactionism, from Everett Hughes, is combined with the theory of gender developed by Raewyn Connell. Considered the plurality of career experiences in dialogue with gender studies, masculinities and femininities, and we establish as a general objective of this doctoral dissertation understanding of the construction of a career from a gender perspective and its intersections with other social markers of difference. It is used as a field of analysis the career of male and female flight attendants that is experienced by the production of gender, masculinities and femininities. The argument is that careers, which refer to the past, present, and future dimension of individual and collective contexts, are inevitably gendered and intertwined with other social markers of difference. Movements articulated in contexts and in gendered spaces expand and limit professional mobilities, while producing gender projects framed by masculinities and femininities, negotiated and experienced in metamorphoses. We considered that the study of the career of male and female flight attendants provides theoretic advance and aligns with gender in intersectional perspective, considering the history of aviation and the binary and heteronormative stereotype produced and reproduced. In order to anchor this discussion, the doctoral dissertation is divided into four chapters, as a collection of articles, in addition to the epistemological and methodological trajectory of the research(er), introduc(imagina)tion, introduction and conclusions. The first article aims to map career and gender scientific production from 1945 to 2017, indexed in the Web of Science (WoS) database. It presents the production scenario (state of art), points to discussions that broaden the understanding of gender, revealed by the changes, an incipience of Brazilian and management studies and the global North hierarchy in knowledge production, denouncing a coloniality of gender research. The second theoretically argues about the mobility limits for women due to boundaries that involve points of immobility, anchored in socio-cultural, political, organizational and biological relations. The dynamics of mobility direct women to labyrinths that tension the limits of mobile boundaries. The third discusses the genuinely mobile and traditionally female career of flight attendants to analyze the gender project(s) that frame the occupation. Professional construction in gender project(s) takes place in the process of gendered standards or standardized genderification that begins in the training courses and goes through negotiations and metamorphoses. Finally, the fourth paper explores the intersections of social class, gender, and sexuality (i)mmobilities in the career of male flight attendants. The construction of different forms of mobility within aviation, connected to social production of difference and the relationships between interfaces of social, geographical, gender and sexuality mobility are highlighted. The multiple relations between such mobilities call attention to the relevance of intersectionality in labor and human relations research in order to highlight the production of difference in social groups working in the same professional field. The collection of articles responds to the general and specific objectives by bringing forward intersecting theory suggestions. Thus, a proposal of interdisciplinarity studies, through the alliance of gender studies with the sociological eye of interactionists and other authors inspired by this current, shows the potential and corroborates the advances in the theoretical field. The multiplicity of questions, concepts and contradictions that arise in gender research is one of the main limitations and, concomitantly, it is an opening to the plurality of discussions.

Keyword: career, gender, masculinities, femininities, symbolic interactionism

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - 1930, THE ORIGINAL EIGHT: AS OITO PRIMEIRAS MULHERES AEROMOÇAS DO MUNDO. BOEING (UNITED AIRLINES) ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA).....	14
FIGURA 2 - 1936, APRESENTAÇÃO FORMAL DO MORDOMO (STEWARD) DA COMPANHIA EASTERN, EUA	15
FIGURA 3 - 1946, PRIMEIROS PURSERS (CHEFES DE VOO) DA COMPANHIA EASTERN, COM UNIFORMES INSPIRADOS NOS PILOTOS MILITARES, EUA.....	15
FIGURA 4 - 1950, ANÚNCIOS DE EMPREGO NA AVIAÇÃO, EUA.....	16
FIGURA 5 - 1960, REPORTAGEM SOBRE CANDIDATAS DISPENSADAS EM PROCESSO SELETIVO DE COMPANHIA AÉREA AMERICANA.....	17
FIGURA 6 - 1968, REPORTAGEM DE REVISTA SOBRE A COMISSÃO DE EQUIDADE DE OPORTUNIDADES DOS EUA	18
FIGURA 7 - 1970, PUBLICIDADE DE COMPANHIA AÉREA AMERICANA	19
FIGURA 8 - 1978, HOMENAGEM DO GRUPO VARIG AOS COMISSÁRIOS DE VOO NO “DIA DA AEROMOÇA”, BRASIL ...	20
FIGURA 9 - 2019, APRESENTAÇÃO PESSOAL PARA PROCESSO SELETIVO DE COMISSÁRIAS E COMISSÁRIOS EM COMPANHIA INTERNACIONAL.....	21
FIGURA 10 - 2019, REFERÊNCIA DE PARTES DO CORPO QUE PODEM TER TATUAGENS VISÍVEIS	21
FIGURA 11 - PRINCIPAIS FATORES CONTEXTUAIS NOS ESTUDOS SOBRE CARREIRA	23

SUMÁRIO

TRAJETÓRIA EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA DA PESQUISA(DORA)	9
INTRODU(IMAGINA)ÇÃO	14
INTRODUÇÃO DA TESE	22
CAPÍTULO 1 – ARTIGO 1.....	30
CENÁRIO DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS EM CARREIRA E GÊNERO.....	30
CAPÍTULO 2 – ARTIGO 2.....	31
MOBILIDADES NO LABIRINTO: TENSIONANDO AS FRONTEIRAS NAS CARREIRAS DE MULHERES	31
CAPÍTULO 3 – ARTIGO 3.....	33
O(S) PROJETO(S) DE GÊNERO DA CARREIRA DE COMISSÁRIA E COMISSÁRIO DE VOO	33
CAPÍTULO 4 – ARTIGO 4.....	34
CARREIRA DE COMISSÁRIOS DE VOO E AS (I)MOBILIDADES DE CLASSE SOCIAL, GÊNERO E SEXUALIDADE	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	35
REFERÊNCIAS (EXCETO CAPÍTULOS).....	44

Trajectoria Epistemológica e Metodológica da Pesquisa(dora)

DOMINIQUE: Você fez o curso de comissária, né? Ou não?

ALINE: Eu fiz sim. Mas fiz só para a pesquisa, não para ser comissária.

DOMINIQUE: Gente, isso é incrível! Deve ter sido a primeira que fez isso, né?

ALINE: Acho que sim (risos).

(Diálogo com Dominique, participante da pesquisa, dezembro de 2018).

Esta tese de doutorado representa o caminho percorrido de 2016 a 2019, vivenciado com metamorfoses e pontos de virada próprios da construção de conhecimento. As experiências e o engajamento entre pesquisadora e pesquisa estão presentes nesta entrega. O voo chega a seu destino delimitado pelo tempo, todavia, escalas, pães, conexões e turbulências na viagem da pesquisa(dora) ultrapassam esta escrita. Quando gênero atravessou a pesquisa, trouxe classe, sexualidade e raça (para nomear alguns elementos), traduzindo em teoria as dinâmicas de privilégio e desigualdade que a pesquisa(dora) já conhecera em trajetória. Destarte, soube que atravessamentos não se dão ao acaso.

A perspectiva teórica interacionista, com alicerce na chamada *Escola de Chicago*, foi adotada como embasamento teórico-metodológico. Entre os anos 1920 e 1960, professores e estudantes do departamento de sociologia da Universidade de Chicago formaram um grupo colaborativo, constituindo uma escola de atividades que incluía variadas e ecléticas formas de fazer pesquisa sociológica, mais do que por necessidade ou escolhas, mas porque as circunstâncias levavam para esse caminho (Becker, 1999). Assim, não há um conjunto de técnicas específico que deve ser seguido na perspectiva interacionista, já que seu caráter é reflexivo.

Do ponto de vista metodológico e conceitual, a Escola de Chicago cunhou uma posição metodológica influente ao estudar a vida e a conduta de pessoas e coletividades de forma distinta da sociologia funcionalista, ora em voga. Os sociólogos da segunda geração da Escola, Everett Hughes e Herbert Blumer, bem como os alunos influenciados por eles, são os representantes do interacionismo simbólico. Contribuíram para o entendimento da sociedade como um processo de interação entre as pessoas, das interpretações que elas fazem dos acontecimentos que vivenciam e das ações derivadas dessas interpretações. De forma contínua e dinâmica, no tempo e no espaço, os sentidos são significados e (re)significados, conforme pessoas e grupos reciprocamente veem e vivem a realidade.

Ao tomar gênero como um processo social que organiza a vida em sociedade de forma particular, com base na teoria de Raewyn Connell (1987), a aproximação com a perspectiva interacionista de carreira mostrou-se oportuna. O foco do olhar sociológico interacionista está nos processos sociais que poderiam vir a ser vislumbrados no estudo sobre carreiras e instituições. A compreensão dos fenômenos profissionais precisa ser analisada no contexto em que estes estão inseridos, portanto, a carreira é vista como um meio de socialização que cria códigos, regras e estabelece estereótipos profissionais, excluindo quem não se enquadra ou reservando-lhes espaços de menor prestígio (Hughes, 1958). Estudos com lentes de carreira visam delinear um quadro completo e condizente com a realidade, por isso sugerem a imersão no que está sendo estudado (Blumer, 1969). Com tal propósito, cinco etapas principais compuseram a inserção e a vivência no campo que produz a carreira de comissárias e comissários de voo – caracterizada historicamente pela mobilidade, pela feminilidade e por um imaginário singular e histórico. As etapas são ciclos dinâmicos que se inter cruzam.

Primeiro, o ciclo de etapas iniciou com a pesquisa bibliográfica e leitura de materiais sobre a história da profissão de comissária e comissário de voo, a legislação de aeronauta no Brasil e as exigências básicas para atuação profissional. O *segundo*, com observação de páginas e canais virtuais a respeito da aviação e da carreira de tripulantes e perfis pessoais de profissionais da área e aspirantes à carreira. A partir dessas interações, o *terceiro* incluiu a participação em grupos de conversa por aplicativo com pessoas que desejavam trabalhar ou trabalhavam na aviação civil. O *quarto* envolveu o curso de formação de comissária de voo e presença em eventos relacionados à profissão. Por fim, o *quinto* ciclo consistiu na busca de profissionais para entrevistar, por meio de publicação em redes sociais, de indicações no curso e de contatos pessoais informais da pesquisadora. Consequentemente, essa etapa incluiu a realização das entrevistas-narrativas com comissárias e comissários.

Sobre o *quarto* ciclo, cabe detalhar alguns aspectos. Após contato com escolas que oferecem cursos para tripulação de voo, no Sul do Brasil, a inserção no campo iniciou em maio de 2017, com a participação em atividades relacionadas à carreira. Foram assistidas aulas em três turmas diferentes e cursos de curta duração, como de segurança em voo, e palestras sobre a carreira no Brasil e no exterior com comissárias e comissários. A última atividade que a pesquisadora participou foi em setembro de 2018, totalizando 16 meses de trabalho de campo.

No período de agosto de 2017 a março de 2018, a pesquisadora realizou o Programa de Instrução Teórica e Prática (Curso de Comissário de Voo) em uma das escolas

pesquisadas, cujo nome é mantido em sigilo. Conforme combinado com a direção da escola, a pesquisadora, ao se apresentar nas aulas, contava para a turma quem era, informando também às/aos ministrantes das disciplinas. Demais funcionárias e funcionários da escola receberam a informação oportunamente, conforme necessidade avaliada pela direção. A intenção principal era que a presença da pesquisadora não modificasse o ambiente do curso, de tal forma que ela frequentava as aulas, realizava as atividades e utilizava o uniforme padrão como qualquer outra aluna. Em face da inspiração etnográfica, característica na pesquisa de Hughes e de Connell, em todas as etapas da pesquisa, anotações nos diários de campo destacaram as situações empíricas observadas e experienciadas, bem como as relações e significados simbólicos, individuais e coletivos, percebidos na carreira de comissárias e comissários.

O curso é muito parecido com o treinamento [da companhia aérea]. Tem um final de semana que a gente fica na selva, literalmente, monta acampamento, entra na água, faz a marinharia, e é muito mais forte esse treinamento no curso, mais do que na empresa, porque na empresa eles não têm o tempo hábil, eles só têm uma casa de fumaça, e alguns equipamentos de emergência nos fundos da academia. No curso não, você mata uma galinha com os colegas, faz uma sopa, é bem vivenciado [...] (Ariel, participante da pesquisa, setembro de 2018).

O calçado de salto (padrão comissária) entrou para a sapateira, os esmaltes marrons e vermelhos, o gel de cabelo e o batom vermelho para a *necessaire*. Todo sábado, o lenço cobria as tatuagens do pescoço, o piercing do nariz e os brincos do terceiro e quarto furos da orelha eram deixados em casa. Ficavam apenas dois brincos pequenos, um deles imitação de pérola, nunca usado antes (nem depois). A camisa azul vestida na simulação de recrutamento e seleção para companhias aéreas, ocorrida na parte final do curso, foi certamente a mais difícil de ser comprada até hoje – nem muito discreta, nem muito chamativa, nem muito justa, nem muito solta. À parte dos aspectos fisicamente vivenciados, esse período suscitou tantos pensamentos quanto perguntas que possivelmente ainda não foram possíveis de elaborar ou responder – como o dia em que dois livros para entender sobre gênero foram indicados no curso – e a dica parecia direcionada, também, para a pesquisadora: *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*. Provocação ou tentativa de demonstrar conhecimento? Para trazer o campo para o dizível e visível, foi preciso, de algum modo, tempo para calar e invisibilizar-se. Escutar sem afetar-se, protestar sem dizer, ouvir o silêncio, dizer com os olhos, manter a postura, não se envolver

muito, nem pouco, e torcer para que houvesse manifestação da turma. A pesquisa é uma experiência de múltiplos eu(s). Mas como preparar-se para receber os incontrolláveis da pesquisa?

Ao mesmo tempo em que colegas não entendiam muito bem a razão de a pesquisadora estar no curso, ou “por que está passando por isso? A gente é porque precisa”, questionavam por que ela não tinha interesse em ser comissária, já que possuía, relativamente, todos os atributos de aparência necessários – e a habilidade com idiomas, diferencial incomum. Fora das aulas, familiares também demonstravam encantamento com as fotos “vestida como comissária” e perguntavam se não pretendia seguir a carreira, mais uma referência presente do *glamour* imaginário da ocupação. Durante o treinamento de sobrevivência na selva – prática de cunho militar – instrutores e direção da escola, de postura geralmente séria, sorriam ao vê-la aprender a fazer fogo com folhas e pedras, a construir um abrigo e uma latrina no meio do mato, e voltar coberta de terra e fuligem depois de rastejar na casa de fumaça com colegas. Vale destacar que por ser vegetariana, a pesquisadora foi dispensada de participar da técnica de abate e limpeza de ave para consumo, que embora gere críticas e dúvidas sobre a importância, está prevista no manual de instruções da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC).

Com relação ao *quinto* ciclo (com duração aproximada de 24 meses), de 50 profissionais contatadas/os, foi possível entrevistar menos da metade, na maioria dos casos, por insistência, reforço da indicação por pessoas próximas e flexibilidade quanto à forma de interação. Algumas frases ditas por pessoas entrevistadas (ou que não foi possível entrevistar), representam o movimento que simboliza a carreira: “Fixa, só a folga, todo o resto é móvel”; “É difícil para as pessoas normais entenderem que tudo precisa ser marcado com antecedência de 90 dias”; “Vai ser difícil você falar com quem está voando, porque nunca estão em casa”; “Eles não te dizem que logo vão te responder e desaparecem?”; “Te chamo assim que eu chegar no hotel”; “Estou no aeroporto e acabou de mudar minha escala”.

Após algumas sugestões de entrevistas por trocas de áudios em aplicativos de mensagem instantânea ou ligação, percebeu-se que era preciso adaptar-se ao tempo e espaço disponibilizado por elas/es. Quatro entrevistas foram realizadas “em movimento”, uma delas, enquanto a comissária corria na esteira e fazia exercícios (entre pausas para escuta e resposta, a conversa durou cerca de duas horas). Oito entrevistas foram realizadas pessoalmente, quatro delas nas residências de participantes, em seus dias de descanso, e onze entrevistas ocorreram *online*. Frisa-se, que na vida de tripulante, as relações são tão intensas (com pessoas desconhecidas) quanto vulneráveis (com pessoas próximas, mas distantes), por isso recursos

virtuais como “*Skype* e *Whatsapp* são remédios para uma doença [saudade] que você sempre vai ter”, disse uma comissária internacional durante palestra sobre a profissão no exterior.

Além do imaginário construído por quem viaja ou por quem sonha viajar, o que conta a história sobre a carreira de comissárias e comissários? O que ainda se pode contar e produzir do passado no presente e que reverberações se pode fazer para o futuro?

Às leitoras e aos leitores, um excelente voo. Bem-vindas e bem-vindos a bordo!

Introdu(imagina)ção

FIGURA 1 - 1930, THE ORIGINAL EIGHT: AS OITO PRIMEIRAS MULHERES AEROMOÇAS DO MUNDO. BOEING (UNITED AIRLINES) ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA)



Fonte: Whitelegg, D. (2007). *Working the skies: The fast-paced, disorienting world of the flight attendant*. New York: New York University Press.

“Imagine os aspectos psicológicos de ter uma jovem mulher como parte da tripulação regular. Imagine a publicidade nacional que podemos conseguir e o efeito extraordinário que isso terá para o público que viaja”. Steve Stimpson, gerente da *United Airlines* em São Francisco (EUA), em carta para a presidência da companhia.¹

¹ Lyths, P. (2009). ‘Think of her as Your Mother’ Airline Advertising and the Stewardess in America, 1930–1980. *The Journal of Transport History*, 30(1), 1-21

FIGURA 2 - 1936, APRESENTAÇÃO FORMAL DO MORDOMO (STEWARD) DA COMPANHIA EASTERN, EUA



Fonte: Tiemeyer, P. (2013). *Plane queer: Labor, sexuality, and AIDS in the history of male flight attendants*. California: University of California Press.

FIGURA 3 - 1946, PRIMEIROS PURSERS (CHEFES DE VOO) DA COMPANHIA EASTERN, COM UNIFORMES INSPIRADOS NOS PILOTOS MILITARES, EUA



Fonte: Tiemeyer, P. (2013). *Plane queer: Labor, sexuality, and AIDS in the history of male flight attendants*. California: University of California Press.

FIGURA 4 - 1950, ANÚNCIOS DE EMPREGO NA AVIAÇÃO, EUA

GIRLS
IT CAN BE YOURS—A
CAREER IN THE SKY
AS A
UNITED AIR LINES
STEWARDESS

Attractive appearance & personality, age 21-27, unmarried. Height 5'-7" to 5'-7". Weight under 135 lbs. High school graduate & 3 yrs. public contact experience or 2 yrs. of college. Vision 20/40 or better without glasses.

Apply Now for 1953 Classes
5 WEEKS FREE TRAINING
Entirely at company expense. Gd. starting salary upon assignment to line with periodic increases.

Apply in Person
Mon. thru Frid. 9 a.m.-12 Noon
UNITED AIR LINES
L. A. AIRPORT, 6024 AVION DR.

**AIRLINE
HOSTESSES**
Trans World Airlines

You can now fly with the finest airline in the world with routes both in the United States and overseas if you can meet these qualifications:

- High school graduate
- Age 21-27
- Hgt. 5 ft. 2 in. to 5 ft. 8 in.
- Weight 100-135 pounds
- Attractive
- Unmarried
- Eyesight 20-50 or better
- Training at co. expense with pay

Apply or Write
TWA EMPLOYMENT OFFICE
5111 W. 35th-st.
Chicago, Ill.

AIRLINE OPPORTUNITY!
**BE AN
EASTERN
STEWARDESS**

Enjoy Five Weeks
of FREE Training in
Magnificent Miami



Here is the career opportunity of your life-time . . . with TRAVEL, PRESTIGE, GOOD PAY! You'll be trained at Miami Springs Villas . . . America's most beautiful Stewardess training center—where you'll enjoy swimming, golf and the enchanting resort atmosphere.

To qualify for consideration as an Eastern Air Lines Stewardess, you must be single (widows and divorcees, without children, considered); minimum age 20 (girls age 19½ may apply for future consideration); 5'2" to 5'8" tall; weight in proportion to height; at least 20/40 vision (girls who wear contact lenses considered). You must be at least a high school graduate.

NOW INTERVIEWING IN TAMPA, ST. PETERSBURG, ORLANDO,
WEST PALM BEACH, JACKSONVILLE AND MIAMI.

WRITE FOR FREE BROCHURE AND INTERVIEW APPOINTMENT TO:
C. C. HYDE, REGIONAL EMPLOYMENT MANAGER
EASTERN AIR LINES, INC. — DEPT. NO. 3
MIAMI INTERNATIONAL AIRPORT
MIAMI, FLORIDA
Equal Opportunity Employer

**BE AN AIRLINE
STEWARDESS**

Attractive, unmarried young ladies wanted for training as airline stewardesses. Representatives of TACA International Airlines will be in Albuquerque on Wednesday, Dec. 3, to interview applicants for stewardess positions. Following requirements are necessary: Age 19 to 29. Must speak and read both English and Spanish. College graduates preferred. High School education required. Height between 5' 3" to 5' 6". Single. Interested applicants will be interviewed in person at the Hilton Hotel, Wed., Dec. 3, 9 to 12 AM, 2 to 5 PM. TACA International Airlines operates between New Orleans and all the capitals of Central America.

CLICKAMERICANA.COM

airline trainees
(70 NEEDED AT ONCE)

Young ladies (70 needed), age 20-30, single, unencumbered; you will be trained as airlines hostesses. Height & weight must be in proportion. Charm & poise essential. You will hostess Service Men traveling to Japan, Hawaii & Bangkok. Typing 45wpm for some clerical variety. Fly 80 hours per month. No exp. nec./\$350-\$400 to start. Hotel reservations & meals paid. 6 months job pays \$420 and raises continue every 6 months until position reaches \$700 capacity. You must be willing to work out of New York or San Francisco. "equal opportunity employer." Call: 385-2875 World Placement Agency, 3600 Wilshire Blvd, Lobby floor. All jobs 100% free to you.

SUNDAY CALL: 385-2875
(between 11:00 a.m.—3:00 p.m.)

Fonte: Click Americana, Imagens históricas (2019)²

“Garotas, a carreira no céu pode ser sua como aeromoça. Personalidade e aparência atraente, de 21 a 27 anos, solteira, altura entre 1m57 e 1m70, peso até 60kg, excelente visão, preferencialmente sem usar lentes.”

“Seja uma aeromoça. Atraente, solteira, jovem, idade entre 19 e 29 anos, deve falar inglês e espanhol, altura entre 1m60 e 1m68. Sozinha.”

“Viagens, prestígio e ótimo salário. Solteira (viúvas e outras, sem crianças serão consideradas), idade mínima de 20 anos, 1m57 a 1m73 de altura, altura e peso proporcional, excelente visão (garotas que usam lentes de contato serão consideradas).”

“Recepcionista de companhia aérea. De 21 a 27 anos, 1m57 a 1m73, 45 kg a 60 kg, atraente, solteira, excelente visão.”

“Trainees de companhia aérea. Jovens moças, idade entre 20 e 30 anos, solteira, livre, peso e altura proporcionais, charme e postura são essenciais.”

² Imagem disponível em: <<https://clickamericana.com/topics/money-work/fly-girls-stewardess-job-requirements-of-the-50s-60s>> Acesso em: 15 out 2019.

FIGURA 5 - 1960, REPORTAGEM SOBRE CANDIDATAS DISPENSADAS EM PROCESSO SELETIVO DE COMPANHIA AÉREA AMERICANA



Fonte: Click Americana, Imagens históricas (2019)³

“Apresentamos as perdedoras. Elas são ótimas, não são? Nós admitimos. E elas são provavelmente boas o suficiente para conseguirem um emprego em qualquer lugar que quiserem. Mas não para aeromoça da *Eastern Airlines* [...] É claro que queremos que ela seja linda... vocês não? É por isso que olhamos para o rosto dela, a maquiagem dela, a pele dela, a imagem dela, o peso dela, as pernas dela, a preparação dela, suas unhas e seus cabelos [...] nós julgamos a sua personalidade, maturidade, inteligência, intenções, entusiasmo, resiliência e energia. Não queremos uma aeromoça que seja impaciente com as suas perguntas, descuidada ao servir seu jantar ou indiferente com as suas necessidades [...]”.

³ Imagem disponível em: <<https://clickamericana.com/topics/money-work/fly-girls-stewardess-job-requirements-of-the-50s-60s>> Acesso em: 15 out 2019.

FIGURA 6 - 1968, REPORTAGEM DE REVISTA SOBRE A COMISSÃO DE EQUIDADE DE OPORTUNIDADES DOS EUA⁴



Fonte: Tiemeyer, P. (2013). *Plane queer: Labor, sexuality, and AIDS in the history of male flight attendants*. California: University of California Press.

“Essa é uma forma de acabar com as companhias aéreas? Aqui está a pior coisa que poderia acontecer com as companhias aéreas: um aeromoço!”

Desde os anos 1950 até aquele momento, as companhias aéreas dos EUA não contratavam homens para o serviço de bordo. As empresas alegavam que homens poderiam realizar os aspectos técnicos do trabalho, mas não eram capazes do charme e da graça que jovens mulheres tinham para fazer a experiência de voo ser prazerosa. A carreira, também, treinava moças para seu futuro como esposas e mães, servindo como uma etapa entre a escola e uma carreira a ser seguida pelo resto da vida (Barry, 2007; Tiemeyer, 2013).

⁴ A comissão julgou como discriminatórias as contratações (com base em sexo) das companhias aéreas.

FIGURA 7 - 1970, PUBLICIDADE DE COMPANHIA AÉREA AMERICANA



Fonte: Lyths (2009)

“Pense nela como se fosse sua mãe. Ela quer apenas o melhor para você. Uma bebida gelada, um bom jantar. Um travesseiro macio e um cobertor aquecido. Não se trata apenas de instinto maternal. É o resultado do maior treinamento para Aeromoças da indústria. Treinamento de serviço, não apenas um curso de beleza. Serviço, no fim das contas, é o que faz passageiros preferirem a American.”⁵

⁵ Lyths, P. (2009). ‘Think of her as Your Mother’ Airline Advertising and the Stewardess in America, 1930–1980. *The Journal of Transport History*, 30(1), 1-21.

FIGURA 8 - 1978, HOMENAGEM DO GRUPO VARIG AOS COMISSÁRIOS DE VOO NO “DIA DA AEROMOÇA”, BRASIL



Fonte: Blog de memórias da Varig (2015)⁶

⁶ Imagem disponível em: <<http://varigmemories.blogspot.com/2015/05/>> Acesso em 15 out 2019.

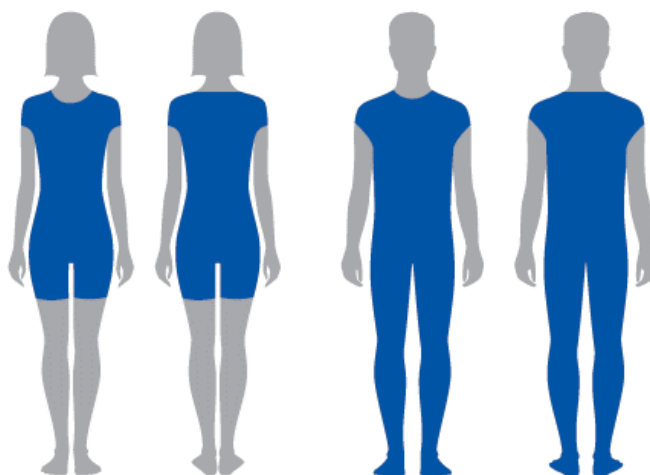
FIGURA 9 - 2019, APRESENTAÇÃO PESSOAL PARA PROCESSO SELETIVO DE COMISSÁRIAS E COMISSÁRIOS EM COMPANHIA INTERNACIONAL

ASSESSMENT DAY DRESS CODE



Fonte: Página oficial da Emirates (2019)⁷

FIGURA 10 - 2019, REFERÊNCIA DE PARTES DO CORPO QUE PODEM TER TATUAGENS VISÍVEIS



Fonte: Página oficial da British Airways (2019)⁸

⁷ Requerimentos de apresentação pessoal disponíveis em: <<https://www.emiratesgroupcareers.com/cabin-crew/>> Acesso em 15 out 2019.

⁸ Perguntas frequentes sobre o processo seletivo. Disponível em: <<https://careers.ba.com/cabin-crew-faqs>> Acesso em 15 out 2019.

Introdução da Tese

*If we could use the word gender as a verb (I gender, you gender, she genders...)
it would be better for our understanding.⁹*

Raewyn Connell

Uma profissão tem sexo? Uma carreira tem gênero? Há produções de masculinidades e feminilidades que destacam, asseguram e até definem conhecimentos e competências necessárias para uma ocupação? Por que sexualidade ou orientação sexual são relacionadas a campos de trabalho? Há indícios de que as carreiras individual e coletivamente tendem a reforçar estereótipos, sexismos ou, ainda, servirem como forma de liberdade e afirmação da sexualidade, constituindo um campo de potencial discussão para gênero, masculinidades e feminilidades. Carreiras compõem espaços históricos, dinâmicos e em processo de mudanças, assim como gênero. A aproximação de ambos os campos permite múltiplas discussões.

Categorias sociais influenciam as estruturas de oportunidades nas quais as pessoas podem seguir suas carreiras. Independentemente da vontade individual, contextos proporcionam inclusão ou exclusão que resultam em dificuldades ou impossibilidades. Como exemplo, podem-se mencionar questões que partem do cenário global para os reflexos locais, condições econômicas, políticas, sociohistóricas, culturais que formam um sistema social que direta ou indiretamente cerceia oportunidades com base em marcadores sociais de diferença como gênero, raça, etnia ou classe (Inkson & Savickas, 2013; Mayrhofer, Meyer & Steyrer, 2007; Patton & MacMahon, 2015; Sullivan & Baruch, 2009; Trotter, 2017).

Ao compreender a perspectiva histórica e o instante temporal, é possível explorar as circunstâncias em que organizações, sociedade e pessoas interagem e observar que as carreiras, aqui entendidas como sinônimo de profissão e trajetória, pois podem representar trajetórias individuais e coletivas, acompanham as mudanças advindas dessas interações. “Carreiras são sempre carreiras em contexto” (Mayrhofer, Meyer & Steyrer, 2007, p. 215), consideradas como fenômeno social e político na economia globalizada (Gunz, Mayrhofer & Tolbert, 2011). Por essa razão, é basilar considerar os elementos que marcam o espaço em que se insere uma carreira, evitando que as pessoas e trajetórias sejam estudadas individualmente (Sullivan & Baruch, 2009), sem levar em conta aspectos que estruturam diferentes sociedades.

⁹ Connell, R. (1987). *Gender and Power*. Stanford: Stanford University Press, p.140.

Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007) apresentam quatro principais contextos que vêm causando modificações nas carreiras, sobretudo a partir dos anos 1990. Estes formam um desenho que, por meio de diferentes esferas de proximidade, assemelha-se a uma *casca de cebola*. Partindo da trajetória de carreira individual, ao centro, as camadas que a envolvem referem-se ao contexto do trabalho, de origem, social e cultural, global e seus direcionamentos, conforme apresentado na Figura 11:

FIGURA 11 - PRINCIPAIS FATORES CONTEXTUAIS NOS ESTUDOS SOBRE CARREIRA



Fonte: Tradução da figura e destaque para *gênero* realizado pela autora com base em Mayrhofer, W., Meyer, M. & Steyrer, J. (2007, p. 217).

Entende-se que tais contextos apresentados formam um cenário geral, em termos mundiais, mas atuam com múltiplos atravessamentos, incluindo questões de espaço-tempo que dizem da perspectiva histórica da carreira, da sociedade, das organizações e das relações pessoais vivenciadas, em caráter processual e dinâmico. O contexto do trabalho trata dos mercados de trabalho, das novas formas de trabalho e organização e das relações sociais. Já o contexto de origem, considera classe e origem social, socialização escolar, histórico de trabalho e o contexto de vida atual. Com relação ao contexto social e cultural, gênero, etnia e aspectos demográficos e da comunidade emergem. Os dois últimos fatores destacam transformações e mudanças gerais de determinada população, que podem incluir educação, taxa de natalidade, envelhecimento, religião, movimentos migratórios, entre outros. Por fim, o

contexto global discute a internacionalização e a virtualização, que trata da expatriação de pessoas e organizações, das carreiras globais e da mobilidade virtual permitida e necessária para empresas virtuais e do teletrabalho.

Com gênero e pelas lentes de gênero com as quais esta tese é construída, destaca-se o contexto da sociedade e da cultura e suas aproximações com os demais. As desigualdades de oportunidades para mulheres que convergiram em disparidade salarial, de participação e de ascensão profissional foram temas que tomaram força com os movimentos sociais entre a virada do século XIX para o XX e seguem em discussão. São gatilhos que propulsionam múltiplas formas de resistência e luta coletiva feminista e que modificaram o próprio conceito de gênero, indicando as limitações de um entendimento objetivo baseado na diferença sexual. Mais do que uma variável unitária, que acompanhou o papel das mulheres nas mudanças do mundo do trabalho e correspondente a efeitos econômicos, socioculturais, políticos e tecnológicos, gênero, em termos atuais, é uma perspectiva integral de análise (Connell, 2016; Connell & Pearse, 2015; Mayrhofer, Meyer & Steyrer, 2007; Scott, 1995; Piscitelli, 2009).

As abordagens de gênero ganharam notoriedade sobretudo nos contextos americano e europeu, nos anos 1960, remetidas diretamente aos movimentos feministas. Em boa medida, foi por meio destes que se promoveu a *libertação das mulheres*, com ganhos sociais, políticos e econômicos significativos, abrindo espaço também para que as bases do conhecimento pudessem ser repensadas do ponto de vista das mulheres (Calás & Smircich, 2014). Para além da questão das mulheres, gênero traz consigo um questionamento de padrões de masculinidade e feminilidade definidos na sociedade, já que qualquer padrão acaba por refletir uma oposição a algum modelo, que muitas vezes não corresponde à maioria das pessoas.

Scott (1995) aponta que a emergência de expandir o entendimento de gênero abrange esferas em que as diferenças sexuais foram construídas historicamente – e seguem em construção – como o mercado de trabalho, o sistema educacional e o sistema político. É preciso considerar que a divisão sexual do trabalho, que precede o capitalismo, a organização da escola, com instituições primeiramente exclusivas para o sexo masculino e posteriormente abertas para o sexo feminino, mas com foco na formação para o casamento e em atividades domésticas, bem como o direito a votar e a ser votado exclusivamente para homens, são constatações históricas recentes e ainda muito presentes na organização das relações sociais.

Na continuidade das discussões acerca de gênero, nos anos 1980, tomou forma o entendimento de masculinidade hegemônica, com relação direta ao poder na sociologia política. O termo foi inicialmente compreendido como “um padrão de práticas (i.e., coisas

feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 245). Reconhece-se, também, o exercício da dominação de homens sobre outros homens e consequentes masculinidades subalternas. Estudos sobre masculinidades (não somente a hegemônica) abarcam no conceito um entendimento de que as relações de gênero são históricas, sendo assim, as hierarquias de gênero são suscetíveis a mudanças, conferindo uma indicação de que é possível modificar essa ordem. Por essa razão, a pesquisa com a perspectiva de gênero implica (re)conhecer as práticas das mulheres e o processo de interação histórica de feminilidades e masculinidades (Connell & Messerschmidt, 2013).

Gênero é uma estrutura com dimensão central na vida social que pode ser definido de múltiplas formas “um papel, uma identidade, uma formação discursiva, uma classificação dos corpos, e outras mais. Mas o que faz com que qualquer uma delas tenha importância para o mundo é o que podemos fazer coletivamente com essas identidades e classificações” (Connell, 2016, p. 17). Pode-se considerar que “gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse ‘lidar’ para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo” (Connell & Pearse, 2015, p. 48). “As relações de gênero sempre operam em um contexto, interagindo com outras dinâmicas da vida social” (Connell & Pearse, 2015, p. 177) e é sobretudo pelas práticas sociais, que ocorrem em sociedades e organizações (Acker, 1990), que gênero se produz. De tal modo, a inseparabilidade de carreiras e contextos (Gunz, Mayrhofer & Tolbert, 2011) é entrelaçada com as relações de gênero.

Entende-se por carreira uma continuidade que se define ao mesmo tempo objetiva e subjetivamente, de acordo com a compreensão das pessoas sobre sua vida e suas ações, aliada à vivência de conflitos e dilemas no decorrer da trajetória. O conceito tomado, parte da perspectiva teórica de Everett Hughes, cujo avanço teórico essencial da obra foi compreender profissão como carreira e forma de socialização. Cabe dizer que o estudo das carreiras se refere a uma perspectiva em movimento que serve como orientação para as pessoas e tem como referência a ordem social. Assim, carreiras podem revelar a natureza e constituição de uma sociedade (Hughes, 1937). Para Hughes (1937) as carreiras, comumente pensadas em termos de postos de trabalhos, estabelecem muito mais do que a simples relação do indivíduo com a estrutura institucional, ou seja, não são vivenciadas apenas com base em uma série de conquistas organizacionais. Por essa razão, o autor, ainda que não tenha explorado gênero diretamente, fez reflexões pertinentes quanto a divisão social, sexual e racial do trabalho. Hughes (1996, p. 125) apontava que em qualquer ofício “preferem-se certas tarefas a outras,

algumas são zelosamente defendidas, enquanto outras são delegadas de bom grado aos que são vistos como inferiores, por exemplo, as mulheres e os negros, quer se encontrem no interior ou no exterior do ofício e da profissão”.

Assim, esta tese toma os subseqüentes esforços teóricos para avançar no conceito de carreira, articulando também teórica e empiricamente a discussão de gênero, com referência a masculinidades e feminilidades. Carreira, por conseguinte, é simultaneamente “uma trajetória retrospectiva e projetada, dinâmica e mutável, de um indivíduo ou coletividade, revelando negociações entre objetividades e subjetividades” (De Luca, Rocha-De-Oliveira & Chiesa, 2016, p. 472). O conceito apoia-se nas contribuições do antropólogo Gilberto Velho para os estudos de carreira, sobretudo entrelaçando os conceitos de campos de possibilidades, projeto, negociação da realidade e metamorfose. Sucintamente, o campo de possibilidades é formado por alternativas sócio-históricas, em que projetos individuais ou coletivos movem-se ao longo do tempo, passando por negociações e metamorfoses (De Luca, Rocha-De-Oliveira & Chiesa, 2016; Velho, 2003).

Por carreira individual ou coletiva, entende-se que ela é construída a partir de possibilidades vislumbradas, negociando o que se apresenta objetivamente com interpretações subjetivas. A trajetória retrospectiva e projetada, para contemplar os projetos individuais e coletivos, ocorre de forma dinâmica e mutável, negocia continuamente objetividades e subjetividades, e tenciona fronteiras simbólicas. Percebe-se sua aproximação com gênero tendo em vista que o conceito abrange uma diversidade de representações sociais a partir de referências consideradas naturais ou biológicas, portanto objetivas. Entre o natural e a norma, há múltiplas construções subjetivas, sócio-históricas, culturais e em transformação.

A tese defendida é de que as carreiras, que fazem referência à dimensão passada, presente e futura de contextos individuais e coletivos, são inevitavelmente marcadas por gênero e se entrelaçam com outros marcadores sociais de diferença. Os movimentos articulados em contextos e espaços generificados expandem e limitam mobilidades profissionais, ao mesmo tempo em que produzem projetos de gênero emoldurados por masculinidades e feminilidades, negociadas e vivenciadas em metamorfoses. Considera-se que o estudo da carreira de comissárias e comissários oportuniza avanço teórico e alinha-se com gênero em perspectiva interseccional, tendo em vista o histórico da aviação e o estereótipo produzido e reproduzido de forma binária e heteronormativa.

Para aproximar os estudos de carreira com os de gênero, julgou-se pertinente apresentar, no **Capítulo 1**, o cenário da produção científica em ambos os campos de forma conjunta, desde 1947, ano em que inicia a indexação na base de dados *Web of Science (WoS)*,

até 2017. Sessenta anos depois da indexação do primeiro texto, publicado em 1958, o panorama apresenta que o caminho interdisciplinar da pesquisa que une as duas temáticas está em crescimento. Inicia pela discussão de gênero mais difundida, que remete ao caráter cultural do conceito, elaborado pelas primeiras pensadoras feministas, que problematizaram o fato de as desigualdades serem naturalizadas como produtos das diferenças entre homens e mulheres (Piscitelli, 2009). Apresenta o cenário da produção (estado da arte) aponta para as discussões que ampliam o entendimento de gênero, revelada pelas mudanças, a incipiência dos estudos brasileiros e da área de Administração e a hierarquia do norte global na produção de conhecimento, denunciando a colonialidade das pesquisas de gênero (Connell, 2016).

No **Capítulo 2**, a aproximação de carreira com a mobilidade, coloca em xeque a julgada neutralidade de gênero quando se aborda a disponibilidade para mobilidade. Levando em conta que a mobilidade rege a sociedade contemporânea (Elliot & Urry, 2010), restrições, especialmente relativas à mobilidade geográfica, podem acarretar um sedentarismo involuntário nas carreiras de mulheres (Fraga & Rocha-De-Oliveira, 2016). Historicamente, a masculinidade foi relacionada com o espaço público e com o movimento ativo, ao passo que a feminilidade foi identificada como imóvel e passiva (Andrews & Shahrokni, 2014). As dinâmicas de mobilidade direcionam as mulheres para labirintos que tensionam os limites das fronteiras móveis, por configurações socioculturais, políticas e organizacionais que podem restringir a liberdade em suas trajetórias.

As estruturas das relações de gênero são multidimensionais, estão presentes no nível individual e coletivo como estão nas organizações, nas relações entre elas, entre sociedades e governos (Connell & Pearse, 2015). Organizações, ao contrário de uma estrutura neutra, são generificadas (Acker, 1990; 2006) e, assim como campos profissionais e pessoas, podem representar gênero e outros marcadores sociais de diferença. A invisibilidade das mulheres em diversos campos profissionais e nos estudos de carreiras é um tema em debate nacional e internacional, sobretudo nas carreiras relacionadas à mobilidade – normalmente tida como incompatível com o papel da mulher como esposa e mãe (Trotter, 2017). Esta restrição não se limita à mobilidade geográfica, mas também é manifestação da ideia recorrente de mobilidade social.

O **Capítulo 3** toma a carreira de comissárias e comissários para discutir gênero com base nas interações entre masculinidades e feminilidades, com o estudo sobre a carreira que tem a mobilidade como referência, contradizendo a noção de certa imobilidade vivenciada profissionalmente por mulheres. Muito antes da literatura atentar para o trabalho das mulheres migrantes, com o aumento da diversidade de gênero nas migrações, notado a partir de 1950,

bem como para os casos de mulheres expatriadas, após os anos 1980, as aeromoças já percorriam o mundo. Ainda que, inicialmente, a tripulação do voo fosse composta por homens e os aviões transportassem somente correspondências e cargas, em meados da década de 1930, tanto em razão do número de profissionais como pela imagem, a carreira já era fortemente feminizada (Barry, 2007; Tiemeyer, 2013; Whitelegg, 2007). A mobilidade do voo está diretamente relacionada à noção de liberdade. Contudo, ser aeromoça carregou uma feminilidade *glamourizada* e incorporada em uma mulher-padrão: branca, jovem, solteira, atraente e de classe média. O instinto cuidador e a aptidão para atividades domésticas, características consideradas *naturais* das mulheres, representaram o que se esperava (e quiçá, ainda se espera) do atendimento na aeronave. A carreira se constrói em projeto(s) de gênero como processo(s) de padronização generificada ou generização padronizada que se inicia nos cursos de formação de comissárias e comissários e passa por negociações e metamorfoses.

No **Capítulo 4**, retoma-se a relevância dos contextos para discutir as intersecções das (i)mobilidades de classe social, gênero e sexualidade na carreira de homens comissários de voo. Comissários de voo movem-se e fabricam-se em uma carreira genuinamente móvel e tradicionalmente feminina. O espaço hierarquizado e generificado do avião possibilita debates e críticas relativas aos limites da liberdade proporcionada pela mobilidade de classe social, gênero e sexualidade vivenciada por homens em carreiras pautadas na feminilidade enfatizada. A construção de diferentes formas de mobilidade dentro da aviação, ligadas a marcadores de diferença e as relações entre as intersecções da mobilidade social, geográfica, de gênero e de sexualidade são destacadas. As interrelações entre essas mobilidades evidenciam a relevância da interseccionalidade na pesquisa sociológica para vislumbrar a produção de diferença em grupos sociais que atuam em um mesmo campo profissional.

Diante de tais aspectos, considera-se a pluralidade de vivências de carreiras em interlocução com estudos de gênero, masculinidades e feminilidades, estabelecendo-se como **objetivo geral desta tese compreender a construção de carreira na perspectiva de gênero e suas intersecções com outros marcadores sociais de diferença**. Utiliza-se como campo de análise a carreira de comissárias e comissários de voo vivenciadas pela produção de gênero, masculinidades e feminilidades. **Os objetivos específicos** são:

- 1) Apresentar o cenário da produção científica em carreira e gênero;
- 2) Discutir como contextos de carreira, mobilidade e gênero se articulam e produzem fronteiras nas trajetórias de mulheres;

- 3) Analisar o(s) projeto(s) de gênero coletivos que emoldura(m) a carreira de comissárias e comissários de voo pelas referências de masculinidades e feminilidades;
- 4) Analisar as intersecções gênero com os marcadores sociais de classe e sexualidade na carreira de homens comissários de voo.

ARTICULAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta tese está dividida em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Cada um dos artigos apresentados nos quatro capítulos tem por objetivo:

Capítulo 1 – Artigo 1: Mapear a produção científica em carreira e gênero, de 1945 a 2017, indexada na base de dados *Web of Science (WoS)*.

Capítulo 2 – Artigo 2: Argumentar teoricamente sobre os limites da mobilidade para mulheres em razão de fronteiras que engendram pontos de imobilidade, ancorados por relações socioculturais, políticas, organizacionais e biológicas.

Capítulo 3 – Artigo 3: Analisar o(s) projeto(s) de gênero que emoldura(m) a carreira de comissárias e comissários de voo.

Capítulo 4 – Artigo 4: Analisar as intersecções das (i) mobilidades de classe social, gênero e sexualidade na carreira de homens comissários de voo.

Capítulo 1 – Artigo 1

Cenário das Publicações Científicas em Carreira e Gênero¹⁰

Overview of Scientific Publications in Career and Gender

Aline Mendonça Fraga

Catia Eli Gemelli

Sidinei Rocha-de-Oliveira

Resumo

Carreira e gênero são temáticas interdisciplinares que se conectam nas trajetórias pelo atravessamento de marcadores sociais de diferenças. Este estudo objetivou analisar a produção científica em carreira e gênero, de 1945 a 2017, indexada na base de dados *Web of Science*. Por meio de análise bibliométrica, buscou-se examinar a literatura com referência à distribuição temporal; frequência de autoria; distribuição geográfica; distribuição por periódicos; frequência de citações e frequência de termos nos títulos. Os resultados indicaram: crescimento numérico dos estudos; ampliação do entendimento de gênero; mudanças no foco das pesquisas; representatividade da Psicologia e hierarquia do norte global na produção de conhecimento. Com esse mapeamento, evidenciam-se teórica e empiricamente as diferentes vivências objetivas e subjetivas de gênero nas carreiras e as indissociáveis influências de outros marcadores de diferença.

Palavras-chave: Carreira. Gênero. Sexualidade. Bibliometria. *Web of Science*.

Abstract

Career and gender are interdisciplinary themes that connect to each other in trajectories which are crossed by social markers of differences. The present study aimed to analyze the scientific production in career and gender, from 1945 to 2017, indexed in Web of Science (WoS) database. Through bibliometric analysis, using quantitative-descriptive method, it sought to examine the course of the literature with regard to its temporal distribution; frequency of authorship; geographic distribution; distribution by periodicals; frequency of citations and frequency of terms in titles. The results indicated: numerical growth of studies; expansion of gender understandings; changes in research focus; representativeness of Psychology and the hierarchies in the production of knowledge from the global north. With this mapping, it is theoretically and empirically evidenced the different objective and subjective experiences of gender in careers and the inseparable influences of other markers of difference.

Keywords: Career. Gender. Sexuality. Bibliometric Study. *Web of Science*.

¹⁰ Artigo publicado na Revista Pensamento Contemporâneo em Administração em 22/09/2019. Referência: Fraga, A. M., Gemelli, C. E., & Rocha-de-Oliveira, S. (2019). Cenário das publicações científicas em carreira e gênero. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 13(3), 158-178. <https://doi.org/10.12712/rpca.v13i3.27973>

Capítulo 2 – Artigo 2

Mobilidades no Labirinto: Tensionando as Fronteiras nas Carreiras de Mulheres¹¹

Labyrinth Mobilities: Tensioning Borders in Women's Careers

Resumo

O mundo do trabalho contemporâneo revela-se um cenário formado por diferentes contextos (global, social e cultural, de origem e do trabalho) que têm como centro as trajetórias de carreira individuais refletidas nas coletividades. Todos esses contextos trazem a historicidade das construções de gênero e se constituem por mobilidades no labirinto que tensionam fronteiras nas carreiras de mulheres. Considerando a lacuna de estudos que articulam carreira, mobilidade e gênero (com referência a mulheres), este artigo tem por objetivo argumentar teoricamente sobre os limites da mobilidade para mulheres em razão de fronteiras que engendram pontos de imobilidade, ancorados por relações socioculturais, políticas, organizacionais e biológicas. Estas são manifestadas por restrições à liberdade em alguns países; configurações familiares; expectativas relativas à maternidade e às atividades de cuidado de crianças e pessoas idosas – socialmente atribuídas às mulheres; pelo teto de vidro organizacional e pela pouca representatividade em cargos de poder. A formação dessas imobilidades leva à produção de um sedentarismo, por vezes, involuntário, que impõe barreiras simbólicas e vivenciadas em labirintos em sua trajetória profissional, desorientadas em termos de tempo e espaço do caminho tradicional e seguro das carreiras tradicionais, e incertas quanto às possibilidades dos novos modelos de carreira. Carreiras são campos históricos, dinâmicos e em processo de mudança, assim como gênero, para além da discussão sobre construções sociais relativas ao ser mulher ou homem. De tal modo, o imperativo das carreiras móveis e as (im)possibilidades do ponto de vista dos marcadores sociais de diferença, são oportunos para debates críticos e aprofundamento teórico e empírico quanto às suas limitações.

Palavras-chave: mulheres, mobilidade, carreira, gênero

Abstract

The contemporary world of work reveals a scenario formed by different contexts (global, social and cultural, of origin and work) that have as their center the individual career trajectories reflected in the collectivities. All these contexts bring the historicity of gender constructions and are constituted by labyrinth mobilities that tensions boundaries in women's careers. Considering the gap of studies that articulates career, mobility and gender (with reference to women) this article aims to theoretically argue about the limits of mobility for women due to boundaries that engender points of immobility, anchored by sociocultural, political, organizational and biological relations. These are manifested by restrictions on freedom in some countries; family arrangements; expectations related to maternity and care activities of children and the elderly, which are socially attributed to women; by the

¹¹ Versão preliminar do artigo publicada nos Anais do IX Encontro Nacional de Estudos Organizacionais da ANPAD. Fraga, A. M., & Rocha-De-Oliveira, S. (2016). O Sedentarismo Involuntário nas Carreiras de Mulheres. In: IX Encontro Nacional de Estudos Organizacionais (EnEO 2016), Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte.

organizational glass ceiling and the low representation in power positions. The formation of these immobilities leads to some kind of involuntary sedentarism, which imposes symbolic and labyrinthic barriers in their professional career, disoriented in terms of time and space from the traditional and safe path of traditional careers and uncertain about the steps for new career models. Careers are historical, dynamic and changing fields, as well as gender, beyond the discussion of social constructions related to being female or male. Therefore, the imperative of mobile careers and the (im)possibilities from the point of view of social markers of difference are opportune for critical debates and theoretical and empirical deepening as to their limitations.

Keywords: *women, mobility, career, gender*

Capítulo 3 – Artigo 3

O(s) Projeto(s) de Gênero da Carreira de Comissária e Comissário de Voo¹²

The gender project(s) of the flight attendant career

Resumo

As especificidades de gênero, masculinidades e feminilidades, influenciam projetos de carreira individuais e coletivos, assim como marcam o campo de possibilidades disponível. Em razão da dita essência feminina e da capacidade de mobilidade incomum para mulheres, a profissão se mostra pertinente para compreensão das dinâmicas de carreiras generificadas. Esta pesquisa teve por objetivo analisar o(s) projeto(s) de gênero que emoldura(m) a carreira de comissária e comissário de voo. Assim, parte-se da abordagem interacionista e dos avanços subsequentes que abrangem a dimensão temporal, o dinamismo de pessoas, grupos e organizações nas negociações das trajetórias e a ampliação da ideia de carreira para coletividades. Como resultados, observa-se que a carreira de comissárias e comissários é acompanhada de produções objetivas e subjetivas de gênero. Profissionais se movem e se constroem utilizando o potencial de metamorfose individual, ao enfatizar e corporificar masculinidades e feminilidades coletivamente. O artigo contribui aos estudos de carreiras ao colocar gênero como centro de análise e identificar a formação de projetos de gênero, ancorados na produção e reprodução de atributos construídos ao longo do tempo em campos profissionais.

Palavras-chave: Carreira; Gênero; Masculinidades; Feminilidades; Interacionismo Simbólico

Abstract

Gender specificities, masculinities and femininities, influence individual and collective career projects, as well as mark the available field of possibilities. Due to the so-called feminine essence and uncommon mobility for women, flight attendant career is relevant for analysis. The research aimed to analyze the gender project(s) that frames flight attendants' careers based on the interactionist approach to career and subsequent advances that encompass the temporal dimension, the dynamism of people, groups and organizations in career negotiations and the expansion of the concept to collectivities. Results have shown that careers of flight attendants are accompanied by objective and subjective gender productions. They move and build themselves through individual metamorphosis potential by emphasizing and embodying masculinity and femininity collectively. The article contributes to career studies by placing gender as the center of analysis and identifying the formation of gender projects, anchored in the production and reproduction of attributes built overtime in professional fields.

Keywords: Career; Gender; Masculinities; Femininities; Symbolic Interactionism

¹² Versão preliminar do artigo apresentada no *34th European Group for Organizational Studies – EGOS* (2018). Fraga, A. M., & Rocha-De-Oliveira, S. (2018). Gender Project in the Flight Attendant Career: 'Either You Fit In or You Are Out'. In: *34th EGOS Colloquium*, Tallinn. Anais...Tallinn.

Capítulo 4 – Artigo 4

Carreira de Comissários de Voo e as (I)Mobilidades de Classe Social, Gênero e Sexualidade ¹³

Flight Attendant Career and Social Class, Gender and Sexuality (Im)Mobilities

Resumo

Carreiras de comissários/as de voo são genuinamente móveis e tradicionalmente femininas, combinação incomum que produz e reproduz estereótipos de gênero e sexualidade de forma particular. São também carreiras que, no contexto brasileiro, permitem ascensão financeira com pouco estudo, o que torna possível o ingresso de pessoas de classes baixas. Considerando o espaço hierarquizado e generificado do avião, o artigo contribui para a discussão dos limites da liberdade proporcionada pela mobilidade de classe social, gênero e sexualidade vivenciada por homens em uma profissão historicamente feminina. Com base na pesquisa qualitativa com orientação interacionista, analisaram-se as intersecções das (i)mobilidades de classe, gênero e sexualidade na carreira de homens comissários de voo. A construção de diferentes formas de mobilidade dentro da aviação ligadas a tais marcadores de diferença e as relações entre as intersecções da mobilidade social, geográfica, de gênero e de sexualidade são contribuições destacadas.

Palavras-chave: carreira, mobilidade, classe, gênero, sexualidade

Abstract

Flight attendant careers are genuinely mobile and traditionally feminine, an unusual combination that produces and reproduces stereotypes of gender and sexuality in particular. They are also careers that, in the Brazilian context, allow financial rise with a little study, which makes possible the entry of lower-class people. Based on the hierarchized and gendered space of the airplane, the article contributes to the discussion of the limits of freedom provided by the mobility of social class, gender, and sexuality experienced by men in a historically female profession. Drawing on qualitative research with the interactionally oriented approach, the intersectionalities of class, gender and sexuality (im)mobility in the career of flight attendants were analyzed. The construction of different forms of mobility within aviation linked to such difference markers and the relationships between the intersections of social, geographical, gender and sexuality mobility are outstanding contributions.

Keywords: career, mobility, class, gender, sexuality

¹³ Versão preliminar do artigo publicada nos Anais do X Encontro Nacional de Estudos Organizacionais da ANPAD. Fraga, A. M., & Rocha-De-Oliveira, S. (2019). Carreira de Comissários de Voo e as (I)Mobilidades de Classe Social, Gênero e Sexualidade. In: X Encontro Nacional de Estudos Organizacionais (EnEO 2019), Fortaleza. Anais... Fortaleza.

Considerações Finais da Tese

ALINE, o propósito do ser humano na vida é passar o conhecimento adiante, sabe? Porque senão, não tem razão a sua existência. Me impressionou muito você falar que fez o curso de comissário só para sua pesquisa, porque isso tudo que você está fazendo e escrevendo é de uma contribuição imensa para o mundo, sabe? Então quero te desejar os meus parabéns. (Dylan, participante da pesquisa, setembro de 2018).

Esta tese foi construída com base na trajetória de pesquisa desenvolvida de 2016 a 2019, que envolveu também a experiência social da pesquisadora. Partiu-se da premissa de que o estudo de carreiras possibilita compreender processos sociais e históricos, em campos que são formativos para sociedade, organizações e pessoas. A mobilidade aliou-se à perspectiva de carreira na medida em que envolvem movimento temporal e contextual. Com isso, também se definiu que as construções dos campos profissionais em que se desenvolvem carreiras, individual e coletivamente, carregam consigo os aspectos dos elementos contextuais e históricos de gênero. Na busca de uma carreira que contemplasse a mobilidade em sua condição de existência, a profissão de comissária e comissário de voo vislumbrou potencialidades de discussão interdisciplinares. O campo indicou a dinamicidade dos processos de construções profissionais coletivas e como tais processos se traduzem em interpretações e projeções individuais, pautadas também em outros marcadores sociais de diferença que acompanham gênero.

A tese defendida é de que as carreiras, que fazem referência à dimensão passada, presente e futura de contextos individuais e coletivos são inevitavelmente marcadas por gênero e se entrelaçam com outros marcadores sociais de diferença. Os movimentos articulados em contextos e espaços generificados expandem e limitam mobilidades profissionais, ao mesmo tempo em que produzem projetos de gênero emoldurados por masculinidades e feminilidades, negociadas e vivenciadas em metamorfoses. Considera-se que o campo estudado oportuniza avanço teórico e coloca carreira e gênero em perspectiva interseccional, tendo em vista o histórico da aviação e o estereótipo produzido e reproduzido de forma binária e heteronormativa.

Evidencia-se que a tese está circunscrita de originalidade e ineditismo por sua construção teórica e metodológica que aborda:

- a) a aproximação teórico-empírica do interacionismo simbólico com os estudos de gênero;

- b) o estado da arte da produção científica em carreira e gênero, apontando tendências, críticas e direções para pesquisadoras e pesquisadores de ambos os campos;
- c) os contextos socio-históricos como base para discutir carreiras, atrelados à ordem de gênero que se faz presente em organizações, sociedades e nas referências coletivas e individuais;
- d) as contribuições do arcabouço teórico construído por Raewyn Connell para a Administração, sobretudo nas pesquisas de Estudos Organizacionais, Relações de Trabalho e Gestão de Pessoas articuladas com gênero, masculinidades e feminilidades;
- e) a relevância da construção de projeto(s) de gênero em espaços profissionais e as metamorfoses exigidas para adequação a padrões pré-estabelecidos;
- f) a importância de incluir homens em estudos sobre gênero e de discutir masculinidades e feminilidades de forma conjunta e plural, bem como as diferentes vivências de gênero dentro de grupos que compartilham *status* sociais comuns;
- g) a noção de mobilidade geográfica nas carreiras atrelada à mobilidade de gênero e sexualidade – como possibilidade de liberdade sexual e de expressão – que podem ser vivenciadas em profissões que envolvam distanciamento da origem familiar ou social;
- h) o uso de abordagens qualitativas e perspectivas interseccionais para estudos de carreiras;
- i) a relevância de abordagens do Sul global para discussão de carreiras na sociedade brasileira, marcada por desigualdades e hierarquias particulares.

Para responder ao objetivo geral de compreender a construção de carreira na perspectiva de gênero e suas intersecções com outros marcadores sociais de diferença e a cada um dos objetivos específicos da tese, os quatro artigos que a constroem trazem contribuições que se inter cruzam. Assim, a interdisciplinaridade proposta, por meio da aliança dos estudos de gênero com o olhar sociológico dos interacionistas e demais autoras/es inspiradas/os por essa corrente, se mostra potencial e corrobora avanços para o campo teórico.

1) Apresentar o cenário da produção científica em carreira e gênero:

O cenário da produção científica em carreira e gênero é apresentado sobretudo no Capítulo 1 da tese, não obstante está presente em todos os demais Capítulos, na medida em que abordam o que, quem e de que forma vêm sendo discutidos nos dois campos de estudos, internacional e nacionalmente. A aproximação ressalta o protagonismo do Norte global na produção de conhecimento bem como na disseminação de suas abordagens no Sul global.

Observa-se que os estudos de carreira foram, ao longo do tempo, incluindo a palavra gênero como categoria descritiva para representar estudos sobre mulheres, com pouca ou nenhuma discussão de gênero enquanto conceito e construção histórico-contextual de acordo com a ordem social.

Tendo em vista o número de trabalhos majoritariamente quantitativos, funcionalistas e/ou de abordagem comportamental, a inclusão de gênero na pesquisa de carreiras contribui para apontar e criticar a diferença ao mesmo tempo em que a reforça. Ao partir da ideia de que gênero é ou pertence à mulher, de algum modo se universaliza o ser mulher ao mesmo tempo em que se excluem os homens da problemática. Essas questões são bastante debatidas pelos estudos feministas, mas irrisórias nos estudos de carreiras. No entanto, há tendência de ampliação do debate. Assim, ressalta-se que a trajetória da tese foi construída com lentes e lupa de gênero para produção da dimensão e potência desse conceito-verbo-relação central nas carreiras e no mundo social.

2) Discutir como contextos de carreira, mobilidade e gênero se articulam e produzem fronteiras nas trajetórias de mulheres:

O Capítulo 2 apresenta a relevância dos contextos nos estudos de carreira, preocupação que acompanha todos os demais capítulos da tese. O contexto da sociedade e cultura e o contexto de origem foram destacados para essa análise, refletindo as influências que podem colocar as mulheres em dinâmicas de movimento e sedentarismo nas quais se veem envoltas na vivência profissional, produzindo (i) mobilidades involuntárias. As carreiras (trajetórias dinâmicas e mutáveis) vivenciadas no labirinto (como estrutura que organiza objetiva e subjetivamente a carreira) são tensionadas por fronteiras simbólicas com dinamismo e mutabilidade individual nos direcionamentos por referências coletivas.

Apesar de todos os avanços e conquistas das mulheres, o caminho da neutralidade de gênero anula um problema estrutural da sociedade, das organizações e das ocupações. Discussões globais acerca de gênero são fundamentais para colocar em debate a ordem moral, social e organizacional generificada, encoberta pelo discurso da modernidade e da liberdade, que acompanha as carreiras contemporâneas. As exclusões vivenciadas por mulheres e outros grupos minoritarizados têm se tornado cada vez mais sutis e, portanto, difíceis de serem combatidas. A suposta inclusão promovida no conceito de diversidade pode disfarçar quem e o que deve ser, ainda, colocada ou colocado em evidência. Por essa razão, abordagens interseccionais mostram-se como um caminho para carreira e gênero em perspectiva.

3) Analisar o(s) projeto(s) de gênero coletivos que emoldura(m) a carreira de comissárias e comissários de voo pelas referências de masculinidades e feminilidades:

O Capítulo 3 articula teoria e campo empírico para apresentar a noção de projeto de carreira como um projeto de gênero que exige metamorfoses individuais. O potencial de metamorfose mostra-se conveniente com gênero, masculinidades e feminilidades, e indica que as transições são parte do caminho para pertencer a qualquer mundo profissional. Exige-se a construção de dentro de uma moldura aceita, conforme ideais de masculinidade e de feminilidade. O projeto é limitado e balizado por sanções e normas que definem desejos, emoções e sentimentos como próprios ou impróprios aos padrões de normalidade.

Retoma-se que a aproximação teórica de Hughes (1937) e Velho (2003), dissertada por DeLuca, Rocha-de-Oliveira e Chiesa (2016) ganha novas dimensões na discussão com os estudos de gênero e a noção de masculinidades e feminilidades como projetos de gênero (Connell, 2016; Schippers, 2007). O alinhamento se dá pela marcação de gênero no *campo de possibilidades*, relativo aos aspectos objetivos e subjetivos da carreira; no entendimento da *negociação da realidade* e *metamorfose*, interligando conflitos e dilemas enfrentados no percurso por diferentes mundos; a noção de *projeto* relacionada à recursividade entre pessoa, grupo e instituição, bem como na noção de *projeto* relativa à memória. A circulação em diferentes mundos inicia desde o primeiro dia de entrada de futuras/os comissárias/os nos cursos. É compulsório que todas/os mudem sua forma de vestir, andar, sentar-se, relacionar-se com o corpo, arrumar os cabelos, cuidar da pele e das unhas. O processo não trata de algo individual porque contempla o grupo, porque apresenta “exemplos de sucesso” de ex-alunas/os que foram contratadas/os. “Ou você se enquadra, ou você está fora”. Vivendo por vezes dilemas e conflitos, a negociação da realidade ocorre, na medida e que a metamorfose pessoal é vivida no coletivo da turma e da instituição e que quem está de fora a percebe. Pela ligação com gênero, não se pode afirmar que tais metamorfoses não ocasionem danos, ao passo que para fazer parte de certos “mundos”, em especial o “mundo profissional”, exige-se construção de um projeto aceito, conforme ideais de masculinidade e de feminilidade.

Coletivamente, para além dos grupos diretamente envolvidos – alunas e alunos, comissárias e comissários - há outras/os profissionais inseridas/os na formação da carreira que dão o tom sobre o que é exigido tecnicamente e o que deve ser emoldurado esteticamente. Nesse grupo estão militares da reserva, instrutores/as que foram comissárias/os e/ou que trabalharam em companhias aéreas de vanguarda, como a Varig, comandantes, mecânicos de voo, consultoras/es em imagem pessoal, *coaches* e fotógrafos especialistas na carreira de

comissária/o. De tal modo, também são as pessoas que ensinam o que se deve pensar sobre a profissão, indo além da determinação da prática específica, ao apontar outros conceitos que são externos a ela. Produzir comissárias e comissários ultrapassa o treinamento para realizar as atividades em voo na medida em que dita como fazer tais atividades com base em gênero.

De tal modo, tanto a parte objetiva da carreira, com relação ao *status* e aos cargos e, mais ainda, a parte subjetiva, ou seja, as interpretações ocorridas nas interações individuais e coletivas, podem ser vivenciadas de forma particular conforme gênero. Os dilemas e os conflitos advindos das interações objetivas e subjetivas durante a trajetória de vida são influenciados pelas representações historicamente construídas para cada lugar profissional. Se os aspectos relacionados a gênero forem somados a outros como classe, raça, etnia e sexualidade, as possibilidades objetivas e subjetivas conferem outros dilemas e conflitos.

As especificidades de gênero estão presentes no projeto de carreira, individual ou coletivo, assim como marcam o campo de possibilidades disponível. A form(ação) de comissárias e comissários extrapola os limites de padrões arcaicos de ordem social, grifando no corpo as exigências diferenciadas de homens e mulheres, traduzindo hierarquia maquiada como segurança e referência à tradição. O sexo e o determinismo biológico são expressos como condição e limite do lugar profissional a ser ocupado. Profissionalizar, nesse caso, significa emoldurar. O exercício da masculinidade e da feminilidade é base da construção de gênero como verbo – por ser processo e ação, que pode ser atribuído a qualquer atividade profissional. Indica práticas sociais que podem acarretar limitações na carreira para qualquer pessoa, embora para vivências de gênero e sexualidade distintas do padrão heteronormativo, a força dos contextos e das interações entre marcadores sociais de diferenças, implique desafios amplificados. Na medida em que a carreira individual é construída por meio de elementos objetivos e subjetivos e que esses elementos são generificados, seja pela construção histórica, seja pela própria interpretação individual, apresentar a carreira coletiva negociada e seu potencial de metamorfose é outro ponto de avanço teórico.

Projetos de gênero correspondem ao movimento e à produção de masculinidades e feminilidades por meio do envolvimento e incorporação de produções consideradas masculinas ou femininas, produzindo uma conduta esperada dentro de determinado contexto socio-histórico, tal como uma ocupação. Essas condutas, como um conjunto de ações generificadas, vão muito além de características individuais, pois dizem respeito a tudo que é coletivamente compartilhado, no tempo, espaço e contexto, por grupos e sociedades. De tal modo, as trajetórias retrospectivas e projetadas de carreiras individuais e coletivas abarcam projetos de gênero, conforme esse gênero foi, historicamente, produzido e reafirmado pelo

campo profissional. Podem prevalecer masculinidades e/ou feminilidades que dominam uma ocupação, coletivamente, e mobilizam o potencial de metamorfose dos projetos individuais, por meio de negociações objetivas e subjetivas, com a referência de que qualquer projeto faz referência a outros ou ao meio social.

4) Analisar as intersecções gênero com os marcadores sociais de classe sexualidade na carreira de homens comissários de voo.

Por fim, o Capítulo 4 retoma a iniciativa de intersecção levantada ao longo dos três anteriores e aborda a carreira de três homens comissários de voo no intuito de colocar em evidência as questões de gênero como também pertencentes ao mundo dos homens e as variabilidades de masculinidades e feminilidades de perfis comuns. Os três participantes são homens brancos, homossexuais, que atuam na mesma profissão, contudo, os aspectos de classe produzem movimentos com turbulências distintas para cada um deles. A mobilidade social se apresenta dinamizada por diferentes níveis ocupacionais dentro de um mesmo campo. A mobilidade geográfica é aproximada da mobilidade de gênero e sexualidade possibilitando olhares para outras carreiras que envolvem a mobilidade como escolha mais ou menos intencional para distanciamento da família e de referências normatizadoras de gênero e de sexualidade.

Ocupações ligadas à mobilidade e por conseguinte à noção de liberdade e *glamour*, movimentam ideias de ascensão e status social e indicam, também, uma expressão mais livre de sexualidade, quanto maior o distanciamento da origem. Contudo, o privilégio de classe não garante acesso a *status* superiores na hierarquia profissional se não estiver relacionado com a norma da heterossexualidade e da produção dentro de um espectro de masculinidade. Esse ponto pode ser relacionado com o que foi levantado no Capítulo 3, quando se falou da experiência de mulheres que não partilham da feminilidade esperada para mulheres na carreira de comissária e se veem obrigadas a um enquadramento generificado. A *feminilidade gay* é conveniente para homens na carreira de comissário, todavia não elimina atitudes discriminatórias de passageiros e comandantes. Destaca-se que um *gay bem hétero* pode se beneficiar da masculinidade hegemônica, já que ser homem, nesse caso, prevalece ao ser homossexual e há uma compensação da ausência na referência à sexualidade. As narrativas corroboram que a carreira determina expressões de gênero e sexualidade que se aproximam do padrão normativo, portanto exigem mais do que habilidades técnicas, como as de comunicação e procedimentos de segurança, demandadas das/os comissárias/os.

Importa dizer que as entrevistas que compuseram a tese começaram a ser realizadas antes do início curso de formação e se estenderam após o término. Evidenciou-se que por mais detalhada que seja a narrativa de outra pessoa, nunca será a experiência vivenciada e a escrita nunca vai dar conta da realidade, o que é uma limitação. Na medida em que as entrevistas foram acontecendo, percebeu-se que o campo dizia mais do que poderia ser previsto ou lido. Há pessoas que jamais voaram e fazem o curso (e isso não é um problema para as companhias aéreas, já que é usual que façam seu primeiro voo trabalhando); há quem queria ser piloto/a e começa como comissário/a; e embora a homossexualidade seja muito comum na profissão, não se costuma falar tanto sobre isso. Há diversidades presentes nas salas de aula, mas são raras as pessoas negras e excluídas as pessoas com deficiências ou qualquer tipo de enfermidade física e mental. Nos grupos de discussão, casos de pessoas que não conseguiram o Certificado Médico Aeronáutico (CMA) por fazerem tratamento para bipolaridade ou por alguma deficiência leve (como ausência de um dedo da mão, por exemplo) são justificados pela segurança a passageiras/os, mas o histórico da carreira mostra que existiam limites aceitáveis até mesmo para a acuidade visual.

Para além do alcance dos objetivos da tese, outros atravessamentos foram produzidos com os quatro artigos. Chegou-se a resultados sugestivos de que carreiras, embora não sejam corpos, são designadas como masculinas ou femininas quando nascem, seguidamente (re)adequadas em suas transições. Embora algumas vezes combinem aspectos ambivalentes, como quem nasce intersexo, costumam ser forçadas ou padronizadas pela força dos contextos. Masculinidades e feminilidades são produzidas por ocupações de forma hierárquica e podem conferir privilégio pelo imaginário representado como inerente às competências necessárias para atuação. Sexualidade (no sentido de expressão ou orientação sexual) podem ser percebidas por elementos sobretudo simbólicos e refletidos na lógica da norma – heterossexual – como natural. A liberdade de expressão de gênero e sexualidade vivenciada por homens em campos de trabalho historicamente formado por maioria de mulheres costuma ser conveniente, sejam homossexuais ou heterossexuais, destacando o papel das mulheres e das feminilidades na construção de gênero. Campos de trabalho com feminilidade enfatizada, como o de comissárias e comissários de bordo, formam espaços seguros para homens gays.

Nesse ponto, importa tomar os quatro contextos de carreira discutidos por Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007) como esferas integradas e interseccionadas, que são atravessadas entre si por questões globais, sociais, culturais e históricas quanto ao tempo (origem) e espaço (trabalho). Essas esferas – generificadas e generificantes – são arenas de processos marcados por outras diferenças que combinam e integram arranjos conforme interação entre grupos,

organizações e sociedades. Grupos sociais específicos, como mulheres, homossexuais ou pessoas brancas são particularmente interessantes para estudar a diversidade da diversidade ou a diferença nas diferenças. A multiplicidade de questões, conceitos e contradições que emergem na pesquisa com gênero é um dos principais limitadores e, concomitantemente, é uma fronteira aberta para pluralidade de discussões.

Tendo em vista que gênero – nesta tese entendido como processual, como verbo, ao invés de objeto (Connell, 1987) – é um conceito de ligação que se alia a outros espaços das práticas sociais, caminhos futuros de pesquisa podem ser explorados dentro do próprio campo da aviação, em outras carreiras – como as de comandantes, de copilotos/as e de mecânicos/as de voo – com históricos também imbricados por gênero e sexualidade, bem como por classe, idade, deficiência, raça e etnia. As práticas de gênero e suas relações dinâmicas entre níveis micro e macro, com corpos, identidades, experiências emocionais, culturas, instituições e sociedades (Ferree, 2018) também são oportunas para estudos relativos a outras carreiras impulsionadas pela tecnologia e originadas pela virtualização do trabalho.

Discussões sobre (re)direcionamentos na teoria e pesquisa de gênero, com referências aos últimos trinta anos, foram recentemente publicadas por Messerschmidt, Martin, Messner e Connell (2018) como forma de celebrar o passado, abrir a janela do presente e inspirar o futuro caminho para pesquisadoras e pesquisadores do campo. Alerta-se que os estudos, em geral, tomam o conceito de masculinidade hegemônica isoladamente, deixando de lado a relevância da pluralidade entre masculinidades, feminilidades, a ordem (social) de gênero e os regimes (institucionais) de gênero e os níveis locais, regionais e globais de interações que podem vir a ser contrapostas e transformadas no decorrer do tempo (Messerschmidt & Messner, 2018). Teoria e pesquisa de gênero acompanham as continuidades e transformações sociais, e figuram como temas latentes para continuidade e contribuição teórico-empírica dos estudos de carreira: o aprofundamento da interseccionalidade, as múltiplas masculinidades e feminilidades para homens, mulheres e outras identidades, as novas formas de organizações e de trabalho assalariado em contextos globais, as múltiplas sexualidades, as diversidades de existências transgêneras e cisgêneras, as maternidades e paternidades de pessoas transgêneras e possibilidades de desgenerificação da sociedade.

Carreira e gênero, do nível local ao global, são compostos de historicidade e movimento, de modo que organizações, sociedades, ocupações e trajetórias dos mais variados tipos compõem arranjos singulares em sua pluralidade. Com simbologias e vozes próprias, falam e silenciam pelo individual e pelo coletivo. Há muito a ser ouvido, dito, escrito e feito. Carreiras, ocupações e organizações, mesmo maquiadas de neutralidade, reproduzem a

generificação dos contextos que as circunscrevem. Que desigualdades ainda persistem na igualdade de gênero dos espaços organizacionais? Em que medida o discurso da diversidade faz as organizações (re)produzirem novos espaços de diferença? Que emolduramentos sociais e profissionais vêm sendo feitos pela “passabilidade” de pessoas transgênero, mulheres lésbicas e homens gays em projetos de gênero normativos?

Por fim, esta tese teve por propósito contribuir para algumas respostas, entretanto ainda há muitas perguntas a serem respondidas. Uma agenda de pesquisa que nasce também como resultado dos anos de estudo sobre gênero e carreira e da formação para uma trajetória como pesquisadora. Trajetória em que gênero e carreira, assim como na aviação, são conceitos, práticas incorporadas e vivências.

Referências (exceto capítulos)

- Acker, J. (1990). Hierarchies, jobs, bodies: A theory of gendered organizations. *Gender & society*, 4(2), 139-158.
- Acker, J. (2006). Inequality regimes: gender, class, and race in organizations. *Gender & Society*, 20(4), 441-64.
- ANAC - Agência Nacional da Aviação Civil. (2005). *Manual do curso comissário de vôo*. Disponível em <<https://www.anac.gov.br/acesso-a-informacao/biblioteca/manuais-de-cursos-da-anac-1/mca5811.pdf>>. Acesso em 17 mai. 2019.
- Andrews, A., & Shahrokni, N. (2014). Patriarchal accommodations: Women's mobility and policies of gender difference from urban Iran to migrant Mexico. *Journal of Contemporary Ethnography*, 43(2), 148-175.
- Barry, K. (2007). *Femininity in flight: A history of flight attendants*. Durham: Duke University Press.
- Becker, H. S. (1999). The Chicago school, so-called. *Qualitative sociology*, 22(1), 3-12.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic Interactionism*. New Jersey: Ed. Prentice-Hall.
- Calás, M. B., & Smircich, L. (2014). Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. In: Clegg, S., Hardy C. & Nord W. (Orgs.). *Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de Análises e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. Caldas, M., Fachin, R., & Fischer, T. (Orgs. da edição brasileira).
- Connell, R. (1987). *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*. Stanford: Stanford University Press.
- Connell, R. (2016). *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos.
- Connell, R., & Messerschmidt, J. W. (2013). Hegemonic masculinity: rethinking the concept. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos.
- DeLuca, G., Rocha-de-Oliveira, S., & Chiesa, C. D. (2016). Project and Metamorphosis: Gilberto Velho's Contributions to Career Studies. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(4), 458-476.
- Elliott, A., & Urry, J. (2010). *Mobile Lives*. London: Routledge.
- Ferree, M. M. (2018). Theories don't grow on trees: Contextualizing Gender Knowledge. In: Messerschmidt, J. W., Martin, P. Y., Messner, M. A., & Connell, R. *Gender Reckonings: New Social Theory and Research*. New York: New York University Press.

- Fraga, A. M., & Rocha-De-Oliveira, S. (2016). O Sedentarismo Involuntário nas Carreiras de Mulheres. In: *IX Encontro Nacional de Estudos Organizacionais (EnEO 2016)*, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte.
- Gunz, H., Mayrhofer, W., & Tolbert, P. (2011). Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. *Organization Studies*, 32(12), 1613-1620.
- Hughes, E. C. (1937). Institutional office and the person. *American Journal of Sociology*, 43(3), 404-413.
- Hughes, E. C. (1958). *Men and Their Work*. Glencoe: Free Press.
- Hughes, E. C. (1996). Métiers modestes et professions prétentieuses: l'étude comparative des métiers. In: Hughes, E. C. *Le Regard Sociologique: essais choisis*. Textes choisis et traduits par J-M Chapoulie. Paris: l'EHESS.
- Inkson, K., & Savickas, M. (2013). *Career Studies*. Thousand Oaks: Sage.
- Lyths, P. (2009). 'Think of her as Your Mother' Airline Advertising and the Stewardess in America, 1930–1980. *The Journal of Transport History*, 30(1), 1-21.
- Mayrhofer, W., Meyer, M., & Steyrer, J. (2007). Contextual issues in the study of careers. In: Gunz, H. P., & Peiperl, M. *Handbook of career studies*. London: Sage Publications.
- Messerschmidt, J. W., Martin, P. Y., Messner, M., & Connell, R. (Orgs) (2018). *Gender Reckonings: New Social Theory and Research*. New York: NYU Press.
- Messerschmidt, J. W., & Messner, M. (2018). Hegemonic, Nonhegemonic, and "New" Masculinities. In: Messerschmidt, J. W., Martin, P. Y., Messner, M., & Connell, R. (Orgs). *Gender Reckonings: New Social Theory and Research*. New York: NYU Press.
- Patton, W., & McMahon, M. (2015). The systems theory framework of career development: 20 years of contribution to theory and practice. *Australian Journal of Career Development*, 24(3), 141-147.
- Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In: Almeida, H. B. D.; Szwako, J. (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Schippers, M. (2007). Recovering the feminine other: Masculinity, femininity, and gender hegemony. *Theory and society*, 36(1), 85-102.
- Sullivan, S. E., & Baruch, Y. (2009). Advances in career theory and research: a critical review and agenda for future exploration. *Journal of Management*, 35, 1542-1565.
- Whitelegg, D. (2007). *Working the skies: The fast-paced, disorienting world of the flight attendant*. New York: New York University Press.

Tiemeyer, P. (2013). *Plane queer: Labor, sexuality, and AIDS in the history of male flight attendants*. California: University of California Press.

Trotter, L. J. (2017). Making a career: reproducing gender within a predominantly female profession. *Gender & Society*, 31(4), 503-525.

Velho, G. (2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.